

# Firmando a luz em outras margens

**Luiz Alex Silva Saraiva**

Um dos maiores desafios que todos nós enfrentamos enquanto seres humanos é o da coerência. Falar uma coisa, e agir de outra forma, por exemplo, é algo com que em algum momento temos de lidar ao longo de nossas trajetórias de vida. Isso é particularmente agudo no que se refere a acadêmicos, uma vez que não cair em contradição dos nossos pensamentos, falas e ações parece ser uma das nossas condições de credibilidade frente a nossos estudantes, a nossos colegas e à comunidade em geral.

Todavia, as tentações são grandes. Lidamos diariamente com dezenas de pessoas, temos acesso a material redigido em lugares diferentes, por pessoas diferentes, com propostas diferentes, e temos diante de nós o desafio de acessar, selecionar, avaliar e incorporar, ao todo ou em parte, essa miríade de informações que nos chegam a cada momento. Não é de se estranhar, assim, que “escorreguemos”, seja por falta de reflexão sobre o que fazemos, ou mesmo por falta do tão precioso tempo, que sempre nos falta.



Assim, quem já não foi convidado a falar sobre temas que francamente não domina, ou que não tenha sido tentado a emitir opiniões “rápidas”, “na hora”, sobre temáticas polêmicas sem para isso dispor mais do que impressões, intuições e sentimentos, e não argumentos baseados em estudos e análise como é de se esperar de quem está em universidades, usufruindo a condição de “autoridade”?

Pedro Demo (1987) nos fala extensamente sobre isso em seu capítulo sobre o argumento da autoridade. Para ele, o prestígio é perigosamente sedutor porque pode converter em meras palavras as ideias de pessoas preparadas para ficar além da retórica. Isso é um risco recorrente para professores e pesquisadores. Acostumados aos púlpitos que somos, é uma tentação emitir nossas opiniões sobre tudo e sobre todos só porque se espera que a nossa voz seja a mais importante (ou lastreada) em diversos contextos, como o da sala de aula.

A lista de possibilidades é imensa, mas gostaríamos de por em foco a responsabilidade de um periódico com a proposta de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Uma vez que explicitamente nos colocamos como um espaço democrático, aberto para que se discutam as múltiplas dimensões não funcionalistas das interfaces entre organizações e sociedade (SARAIVA, 2014), é natural que, em algum momento, cobrem de nós esta ou aquela postura, maior ou menor abertura, enfim, que sejamos coerentes.

Sabemos do risco que corremos ao propor e manter uma revista lastreada na produção que não corresponde ao *mainstream*. Há um problema indiscutível de quantidade de material produzido e, também, em alguns casos, de qualidade, já que parece ser um caminho fácil, ao se desvencilhar de "*the one best way*" de produzir conhecimento, de simplesmente não se adotar parâmetros adequados, o que não é aceitável em se tratando de conhecimento científico. Todavia, persistimos, certos de que a existência de espaços como este podem – e devem – fomentar a produção de conhecimento em quantidade e qualidade de acordo com o que, enquanto sociedade e comunidade científica, desejamos, podemos e, indiscutivelmente, merecemos.

Este é o nosso desafio a cada número, o que perseguimos com determinação. O título deste segundo editorial, "Firmando a luz em outras margens", reforça nossos argumentos e compromissos anteriormente apresentados: de estarmos abertos à ampla participação da comunidade que lida, em algum nível, com as organizações e com a sociedade. Acreditamos que o pensamento é complexo, diferente, e que, por isso, precisa de espaços para que suas manifestações possam se fazer presentes.

As outras margens a que nos referimos dizem respeito aos classificados como "alternativos" na maior parte dos meios destinados a tornar públicos nossos



esforços enquanto membros de uma comunidade científica. Estamos, indiscutivelmente, na outra margem, e não apenas isso assumimos como pretendemos mostrar que há luz do “lado de cá”, e que é preciso ampliar o acesso e legitimar os espaços para que conhecimentos não comprometidos com o gerencialismo floresçam. Eis o nosso desafio, e o que nos motiva a firmar a luz deste farol.

Este número dá uma mostra da diversidade de contribuições a que Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade se propôs a abrigar. Contamos com as seções de artigos, ensaios, resenhas, depoimentos e relatórios editoriais, os quais “fecham” o primeiro ano de existência deste periódico prestando contas à sociedade, a nós tão cara, razão de ser da nossa existência.

Em primeiro lugar, a capa merece destaque. Em um quadro recente de ampliação da quantidade e da intensidade de manifestações populares no Brasil, esta capa, intitulada *Cidadania em fogo*, de Rui Roberto Ramos, é muito provocativa, por abrigar ordem e desordem, a força e a resignação, simultaneamente. Este registro, de uma manifestação de vendedores ambulantes em Recife no mês passado, é perfeito para captar o desassossego dos nossos dias, e a possibilidade de enxergarmos, logo aqui, a outra margem – bem mais perto do que imaginamos.

Temos neste número nossa primeira seção de artigos, sendo cinco deles oriundos de várias partes do Brasil e outro, do México, abrindo as portas para a colaboração e troca de ideias com a comunidade ibero-americana além das fronteiras nacionais.

No primeiro artigo, *Psicodinâmica do trabalho e sofrimento na literatura do “poeta proletário”*, de José Luis Felicio Carvalho, Marina Dias de Faria, Alessandra de Sá Mello da Costa e Sylvia Constant Vergara, o sofrimento laboral é abordado por meio das contribuições legadas pela arte do escritor Charles Bukowski – celebrado pelos críticos como “o Poeta Proletário”. Com a proposta de apresentar a obra literária de Bukowski como recurso de pesquisa e reflexão para dar suporte à análise do sofrimento humano nas organizações, em consonância com a perspectiva da psicodinâmica do trabalho desenvolvida por Christophe Dejours, os autores discutem a relação dicotômica entre o prazer e o sofrimento que emerge a partir do encontro entre um sujeito ávido por realização profissional com uma organização de trabalho em que a dor independe de sua vontade.

Marcelo de Souza Bispo e Irley Suellen Alcântara Santos tomam para si a tarefa de apresentar e discutir um pressuposto de organização para além da hegemonia do conceito na administração, em que a palavra “organização” é entendida como um substantivo ou, ainda, associada a um adjetivo de algo “organizado”. Em A

*organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado*, os autores procuraram identificar uma prática referente ao uso cotidiano da orla da capital paraibana pelos seus moradores e analisar de que maneira tal prática se constitui uma organização, tendo para isso se valido da etnometodologia. As principais contribuições sugerem a existência de uma prática de voluntariado na praia de Cabo Branco que fomenta uma organização social em seu entorno, tendo a pesquisa tanto contribuído para uma reflexão da ação voluntária para além da motivação dos indivíduos, quanto promovido um entendimento organizacional do voluntariado.

Em *Pedagogia empreendedora: uma crítica à luz das invenções do cotidiano*, Júnia de Fátima do Carmo Guerra e Armindo dos Santos de Sousa Teodósio analisam a metodologia educacional “Pedagogia Empreendedora”, implementada em uma rede municipal de ensino público na cidade de São João Del Rei, em Minas Gerais, à luz das invenções do cotidiano conforme a perspectiva de Michel de Certeau. Esta metodologia de ensino, de 2006 a 2009, objetivou fomentar o desenvolvimento local a partir de práticas educacionais apoiadas no capital social. Certeau defende que as maneiras de fazer do homem comum procedem a invenções ou subversões que, ao serem concretizadas no dia a dia, em lugares próprios ou controlados, se constituem em lugares praticados. A estratégia metodológica adotada foi qualitativa, baseada em entrevistas semi-estruturadas e grupos

focais com membros da comunidade escolar. Os resultados sugeriram um conjunto de bricolagens, combinações e jogos exercidos pelos envolvidos nesta metodologia de ensino, sinalizando táticas de subversão das estratégias dominantes visando o desenvolvimento local.

Com o intuito de contribuir com a discussão sobre a Teoria da Atividade histórico-cultural de origem russa, proveniente de autores das áreas da Educação e Psicologia como Vygotsky, Leontiev e Davydov, *Marcio Pascoal Cassandre* e *Marco Antonio Pereira-Querol* apresentam, em *O percurso dos princípios teórico-metodológicos vygotskyanos: um olhar sobre o CRADLE*, o entendimento dos pesquisadores contemporâneos dessa teoria sobre os princípios teórico-metodológicos que regem essas metodologias. A partir de entrevistas e participação em diferentes atividades realizadas no *Center for Research on Activity Learning and Development*, da Universidade de Helsinki, os autores compreenderam os conceitos que embasam as pesquisas intervencionistas pelas diferentes gerações de estudiosos, nas análises sobre as atividades individuais e coletivas das organizações. O exame do material produzido durante a pesquisa apontou duas importantes contribuições da Teoria da Atividade para os estudos de aprendizagem organizacional: o princípio intervencionista e o Sistema de Atividade como unidade teórica de análise.

Com o propósito de analisar imagens de anúncios publicitários veiculados na internet para promover hambúrgueres comercializados por duas empresas de *fast food*, em *Homem de verdade: apelo a um ideal de masculinidade em propagandas de fast food*, Cintia Rodrigues de O. Medeiros e Nicemara Cardoso Silva se propuseram a discutir o apelo a um ideal de masculinidade relacionado ao consumo de carne. Os anúncios publicitários evocam uma imagem de homem, cujas características seriam força, coragem, virilidade e atitude, e associa o consumo de hambúrguer a tais características. Assim, as autoras consideram que o consumo de carne seria uma forma de reafirmar a masculinidade do consumidor, ao mesmo tempo em que ajudaria a reforçar um *status quo* do homem como “sexo forte”.

César Medina Salgado, em *Los valores exigidos a los empleados de una cadena restaurantera mexicana*, analisa os valores de uma cadeia de restaurantes do México, cujo cumprimento se exige de todos os empregados cotidianamente. O autor discorre sobre alguns antecedentes dos valores naquele país, ao tempo em que discute os 29 valores universais permanentes, assim qualificados pela empresa, expressos no seu manual de rotinas e procedimentos, e que definem um perfil ético-moral desejado em cada um dos empregados. Ele questiona: seria possível obter um conceito de empregado compatível com os valores da empresa?



Na seção ensaios, contamos com duas contribuições, uma de Santa Catarina e outra de Minas Gerais. *Maurício Serva* nos brinda com um texto em que discorre sobre o ORD, núcleo de pesquisa sob sua coordenação na Universidade Federal de Santa Catarina. Neste ensaio, ele discorre sobre o fato de que O ORD é herdeiro de esforços de outros núcleos de pesquisa cuja história se iniciou há algumas décadas. Seu intuito, ao registrar essa história, assim, é contribuir, principalmente para jovens pesquisadores, no sentido de que tenham em mente de que vale a pena trabalhar em grupo e com foco de longo prazo em prol da pesquisa científica.

*Thiago Duarte Pimentel*, introduz, em seu ensaio *Realismo crítico nos estudos organizacionais: notas introdutórias sobre seus fundamentos filosóficos*, os principais pontos do debate em torno deste corrente na comunidade acadêmica brasileira de estudos organizacionais, de maneira a vislumbrar possíveis implicações desta perspectiva filosófica neste campo. Ele se lança a este desafio fazendo uma ampla revisão teórica sobre o realismo crítico enquanto proposta filosófica para a ciência, sintetizando, em seguida, a trajetória do movimento em termos de fases e expoentes, bem como algumas filosofias concorrentes. Tal discussão é sucedida pela apresentação das dimensões ontológica, epistemológica, metodológica e a *rationale* segundo o realismo crítico, assim como seu modelo de ciência, o que precede o exame das principais críticas de diferentes autores, internos e

externos a esta abordagem, e suas respostas a tais problemas, sendo tecidas, por fim, implicações do realismo crítico para as ciências sociais em geral e, em particular, para os estudos organizacionais.

A seção de resenhas também se inicia neste número com o texto de André Felipe Vieira Colares, “*Sobre culturas e identidades: o (re)pensar da constituição dos indivíduos e das organizações*”, no qual ele examina a obra “*Estudos organizacionais em interface com cultura*”, organizada por Marlene Marchiori.

No primeiro depoimento publicado nesta revista, *Francisco Foureaux* nos brinda com um relato “de dentro”, a partir de quem teve a oportunidade de conviver de perto com os moradores do Isidoro, uma região de Belo Horizonte na qual se observa grande uso de truculência e desrespeito aos direitos humanos em nome da “ordem” na cidade. Este depoimento é um registro do que não podemos simplesmente aceitar, em nome do funcionamento “correto” da *urbe*, um discurso que esconde as assimetrias e violências que insistimos em não enxergar.

Encerrando este segundo número, e o nosso primeiro ano de existência de Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, apresentamos, na seção relatórios, dois textos: no primeiro, *Pareceristas ad hoc – ano 2014*, registramos nossos agradecimentos e listamos nominalmente todos os colegas que se

dispuseram a colaborar conosco nessa empreitada, atuando voluntariamente para viabilizar a nossa publicação. No segundo, Estatísticas – ano 2014, apresentamos informações obtidas na base do Open Journal System, sobre as contribuições submetidas e convidadas, rejeitadas, aprovadas ou em avaliação, bem como seus tipos e os prazos médios de avaliação, o que julgamos fundamental como uma forma de prestar contas à nossa comunidade, mantendo-a informada sobre o que esperar, em termos formais, de nosso periódico.

Gostaríamos de finalizar este editorial reforçando nosso sentimento de dever cumprido quanto ao que nos propomos nesse momento. Ao mesmo tempo, parecemos imprescindível agradecer a todos que, direta ou indiretamente – como autores, leitores, avaliadores, membros do conselho de política editorial, secretaria, membros do NEOS/UFMG e todos os demais colegas – pelo apoio e por acreditar que se pode trabalhar de forma séria, coerente, e de outra forma. Já que este é o último número do ano, aproveitamos ainda para desejar a todos um iluminado final de 2014 e um 2015 repleto de luz!

## REFERÊNCIAS

DEMO, P. O argumento de autoridade. In: DEMO, P. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Atlas, 1987. p. 41-58.

SARAIVA, L. A. S. Um farol nos estudos organizacionais brasileiros. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2014.

## Como citar esta contribuição

SARAIVA, L. A. S. Firmando a luz em outras margens. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 368-379, dez. 2014.